

NOTA PRÉVIA

Antes de iniciar algumas palavras alusivas a esta importante data – 50º Aniversário do regresso da Guiné, da CART 1525 – é meu dever lembrar que esta “incumbência”, de que me sinto muito honrado, só acontece por que o nosso 2º CMDT, Alferes Oliveira (para os amigos – NECAS) se encontra doente e não pode estar presente e a quem, daqui, fazemos todos votos para a sua recuperação...

**Ex.mas Autoridades Militares
Amigos e companheiros,
familiares,
minhas senhoras e meus senhores:**

Cinco anos passados sobre a última comemoração, nas instalações do então Regimento de Artilharia de Costa, do regresso dos Falcões da sua prestação na então Província Ultramarina da Guiné Portuguesa, actual, Guiné – Bissau, eis-nos a lembrar hoje, onze de Novembro de 2017, os 50 Anos desse dia.

Ao comemormos o 50º (quinquagésimo) aniversário do regresso da CART 1525, impunha-se, por várias razões, entre as quais sobressai o profundo reconhecimento que sempre deverá existir por parte da Sociedade e pela sua Organização política suprema, o Estado, pelos combatentes que, na sua juventude, tudo deram para servir a Pátria com grandeza e estoicismo, nos momentos em que ela deles precisou. É que esta Companhia, foi destacada várias vezes pelo Comando Militar da Guiné pelos seus actos heróicos e valorosos, em combate e acções diversas, foi considerada uma unidade de elite e levou bem longe e bem alto, o nome de Portugal.

Permitam que faça uma pequena resenha histórica da Companhia de Artilharia 1525, Os Falcões, e recordemos, todos, os bons e maus momentos que se passaram desde a sua formação até ao regresso e às iniciativas, comemorações e encontros, realizados ao longo destes já longos cinquenta anos.

Amigos e Companheiros

Foi no RAC, em Oeiras, a 22 de Novembro de 1965 que se iniciou a formação de várias companhias de atiradores de artilharia cujo destino era, então, a GUINÉ Portuguesa que, não podendo suportar a organização e preparação de todas, foram distribuídas por vários aquartelamentos, cabendo à nossa companhia a 1ª Bateria do RAC, sita na Parede.

Nos tempos que se seguiram houve a preocupação de conhecer, adaptar e preparar um novo ambiente compatível com a situação que se teria de enfrentar, ao mesmo tempo que era ministrada a instrução julgada a mais necessária e de maior interesse para o cumprimento integral da missão confiada.

A 6 de Dezembro atingiu-se o ponto culminante da formação militar exigida para a alta missão que se avizinhava, a participação directa na guerrilha em terras da Guiné, com a execução prática de exercícios, quase reais, que se desenrolaram na serra de Sintra, até ao dia 18, altura em que, na marcha final, se regressou ao quartel, na Parede e se iniciou o período de licença, o último, antes da ida para o Ultramar que viria a acontecer a 20 de Janeiro de 1966.

Todos teremos ainda presentes esse dia:

Ainda não raiava a manhã de 20 de Janeiro de 1966, já grande movimento e reboliço se registava no Quartel da Parede. Últimas arrumações, entrega de algum material, procura de coisas perdidas e hei-los a saírem das casernas procurando, na formatura, um alinhamento impossível pela bagagem que ainda carregavam

Pelas 10H00 deu-se início à formatura geral das tropas a embarcar. Uma palavra de conforto acompanhada de pequenas lembranças de elementos do Movimento Nacional Feminino, uma rápida revista, uma breve alocução proferida por um representante do Ministério do Exército e finalmente um desfile pleno de garbosidade que terminou com o embarque.

Eram exactamente 12H00 do dia 20 de Janeiro de 1966, quando no Cais, a Banda Militar começou os primeiros acordes do Hino Nacional. Eram 12H05 quando o Navio UÍGE começou a deslizar, afastando-se do Cais. Lenços que se agitavam por sobre uma imensidão de gente, gritos de adeus que chegavam aos ouvidos dos embarcados.

Dos dias passados no alto mar pouco há a salientar a não ser conversas sobre os mais diversos temas, palpites sobre o que se iria encontrar na Guiné e, naturalmente, os inevitáveis e indesejáveis enjos.

Na manhã do dia 25 começou a aproximação das terras guineenses. Algumas patrulhas aproximavam-se e logo se afastavam. A visão de novas paisagens e de novas gentes veio de algum modo consolidar ou rectificar a imagem que se havia formado.

Cerca das 15H00 o UÍGE fundeou frente a Bissau. Entidades militares que entravam e saíam vieram dar as boas-vindas e preparar o desembarque, que só começaria no dia 26, pelas 10H30, através da barçaça BOR, para a ponte - cais e, daqui, em viaturas, para o quartel de Santa Luzia, onde a Companhia se instalou.

Praticamente, até finais de Fevereiro, foi um período de adaptação às condições oferecidas, isto é, adaptação ao clima africano, tropical, quente e húmido, às novas gentes e vivências e, sobretudo, criar o espírito de grupo para vencer as vicissitudes que se vislumbravam.

Depois, foi a estada em Mansôa, durante algum tempo e a instalação definitiva da CART 1525, em Bissorã, onde iria, ao longo de mais de 20 meses desenrolar acções que a glorificariam para sempre.

Todos se lembrarão, por certo, das múltiplas Operações, patrulhamentos e colunas militares, impregnadas de coragem, valentia, brio, abnegação, bravura e esforço desmedidos dos que, com o seu sangue, suor e lágrimas prestaram apoio às populações locais, como sejam apoio médico e de enfermagem ou ao nível do ensino e educação e participação em actos de cariz social e desportivo, contribuindo para elevar bem alto o nome de Portugal e deixar, na região, marcas indeléveis da sua passagem por terras da Guiné.

Além disso, foi no capítulo das operações que se refletiu o valor da Companhia de Artilharia 1525 que, com os ideais e perseverança, procurou vencer as adversidades e realizar integralmente as missões para que foi chamada a cumprir.

Não poderemos deixar de sublinhar a colaboração então recebida das polícias e milícias, integradas nas nossas forças, que nos acompanharam nas difíceis missões militares desenvolvidas e sem a qual, talvez, não teríamos obtido tantos êxitos.

Foram realizadas nada menos de 86 operações, ao nível de Companhia, das quais 75% com contacto com o Inimigo. Umas, como a ELEFANTE I, a BAMBÚRRIO e a FURACÃO, hão-de recordar, para sempre, no espírito de todos os que as realizaram, o espectro da distância, o esforço despendido e o esgotamento das energias que lhes permitiam continuar a progressão. Outras, como a BISSILÃO, BALUARTE, a BOATO e a BATE-QUE-BATE, reviverão a glória dos resultados dignos de menção. Mas quantas e quantas outras poderiam, também, ser mencionadas, por exemplo, mais 34 ao nível de Grupo de Combate

Porém, não foi só no aspecto operacional que a Companhia de Artilharia 1525 e os seus Falcões se destacaram.

Patrulhamentos, emboscadas, centenas de escoltas e outros serviços de defesa interna e externa ao aquartelamento, manutenção e defesa de pontes e itinerários rodoviários, protecção das populações nos trabalhos agrícolas, foi uma constante ao longo da Comissão.

Como já foi dito, a CART 1525 implantou-se com valor e galhardia, em terras de Bissorã, onde foram criados laços de amizade e colaboração não só com as autoridades administrativas, mas também com a sociedade civil.

Registam-se, como memória viva, os desafios de futebol, o ténis de mesa e o bridge, no campo desportivo e lúdico; o atendimento na enfermaria aos autóctones quer pelo médico, quer pelo furriel enfermeiro; alimentação no refeitório; a prestação de ensino e educação na Escola Primária local e Escola Regimental, por professor habilitado, isto tudo como colaboração mais alargada de serviços sociais relevantes.

Não é por acaso que, na hora da despedida, toda a população se reuniu junto às instalações militares para, num último adeus, manifestarem todo o apreço e simpatia por aqueles que ao longo de vinte e um meses e vinte dias souberam desempenhar com altruísmo as funções que lhes foram confiadas.

Para além dos merecidos louvores individuais e colectivos recebidos e foram muitos (**6** Cruzes de Guerra, **18** Louvores pelo CMDT Militar da Guiné, **6** Louvores pelo CMDT de Agrupamento 1976 e **16** Louvores pelo CMDT de Batalhão...) foi, ainda, a CART 1525, distinguida com duas FLÂMULAS DE HONRA consecutivas (melhor Companhia da GUINÉ, em combate).

É hora de recordar aqueles que perderam a vida ao serviço da Pátria. Também aos que já não estão no mundo dos vivos. Aqui e agora fica o nosso mais profundo pesar e saudade.

PEDIMOS 1 minuto de silêncio

Uma salva de palmas...

Lembramos, agora, a chegada a Lisboa, no dia 10NOV67, seguida de licença regulamentar e passagem à disponibilidade a 2DEZ67, a História resumida dos encontros, o Coronel Mourão, Comandante da Companhia, no início como Alferes e Tenente e posteriormente promovido a Capitão, o seu desempenho e os seus Livros “ **Guiné, Sempre!**” e “ **Da Guiné a Angola – O fim do Império**” e muitos outros eventos que a memória dos tempos já levou...

A esta distância, cinquenta anos, em que se alteraram totalmente as condições geo-políticas, poderemos perguntar se teria valido a pena tanto esforço e sofrimento!...

Hoje, mais do que nunca, teremos de olhar para o nosso passado, com respeito e admiração por todos aqueles que se bateram ao serviço da Pátria, em terras do Ultramar, muitos dos quais morreram ou ficaram com mazelas para toda a vida e outros “danos colaterais”... E nem sempre a sociedade, sobretudo o poder político soube estar à altura de reconhecer esse esforço e abnegação. É bom que, de uma vez por todas, os combatentes do Ultramar

sejam reconhecidos pelos feitos que tão denodadamente praticaram, mas creio que, nessa matéria, algo tem sido feito a começar pela visibilidade que lhes dá a representação dos Deficientes das Forças Armadas, no protocolo em cerimónias oficiais dos Deficientes das Forças Armadas, mormente no dia de Portugal, de Camões e das Comunidades e, sobretudo por parte do EXÉRCITO cujas entidades responsáveis sempre têm dado resposta positiva quando solicitadas a colaborar nos nossos ENCONTROS de Aniversário especiais como, a título de exemplo, o 45º Aniversário...

Às Ex.mas autoridades militares que se juntaram a nós, nestas comemorações, aqui fica o nosso **bem-haja**.

Como nota de roda pé e por que este “discurso”, por falta de oportunidade, não pôde ser dito, deixa-se um agradecimento especial ao Ex.mo Senhor Coronel A. Grilo, CMTD do RAA1, de Queluz que nos recebeu num grau de Excelência máximo, proporcionando-nos um dia de confraternização que ficará gravado, para sempre, nas nossas memórias. Ainda, um sentido agradecimento para os convidados especiais Excelentíssimo Senhor Major-General Martins Ribeiro e Coronel-Capelão Frei António Teixeira que presidiu à celebração da Eucaristia, em Homenagem aos Mortos, na Capela do Quartel e que abrilhantaram o evento com a sua presença e simpatia.